Capítulo VIII — O Messias prometido e figurado

Para fechar o coração do homem ao desespero e fazê-lo ter paciência durante quarenta séculos, Deus devia primeiro, como vimos, prometer-lhe um redentor.

Ora, mal o Rei da criação caiu do trono, uma primeira promessa faz brilhar a seus olhos marejados de lágrimas um raio de esperança: Da mulher nascerá um filho que esmagará a cabeça da serpente[1]. Adão compreendeu essa misteriosa palavra e a transmite fielmente a seus filhos. Sobrevivendo a todas as gerações, essa primeira promessa é, durante dois mil anos, como a única tábua de salvação do gênero humano naufragado.

Um redentor será dado ao homem; mas quando virá? em que país será posto seu berço? de que povo sairá? Sobre tudo isso essa primeira promessa é muda. Virá: eis tudo o que ela anuncia. Embora muito geral, basta, contudo, para sustentar a coragem dos justos de então e para tornar meritórias as suas obras.

Os séculos caminham: uma segunda promessa vem esclarecer a primeira. É feita a Abraão e lhe anuncia que de sua raça nascerá o Messias. Assim ficam afastados todos os povos estranhos à raça do pai dos crentes: já não é na generalidade das nações que devemos procurar o Messias. Contudo, apresenta-se aqui uma nova dificuldade: Abraão tem sete filhos; qual deles dará à luz o Redentor?

Uma terceira promessa no-lo dirá. Feita a Isaac, afasta os outros filhos do patriarca e todos os povos que deles descendem. A verdade torna-se mais clara; mas de repente uma nuvem a obscurece. Isaac tem dois filhos, Esaú e Jacó: qual dos dois será o pai do Messias?

A quarta promessa nos responde: Será Jacó. Eis-nos dispensados de ocupar-nos da posteridade de Esaú; mas mal demos esse passo adiante, caímos num novo embaraço. Jacó tem doze filhos, que serão os pais das doze tribos de Israel. Será Rúben, o mais velho de todos, o virtuoso José, o terno Benjamim que verá o Messias sair de sua raça? Uma nova promessa se torna necessária.

Essa quinta promessa, Deus a faz a Judá, pela boca de Jacó moribundo. À parte, pois, os outros onze filhos do santo patriarca e as tribos saídas de seu sangue. Mas na tribo de Judá há muitas famílias. Qual será a que terá a glória de dar à luz o Desejado das nações?

Uma sexta promessa vem designar a família de Davi. É, pois, na casa desse rei que nos resta procurar o Messias tantas vezes anunciado.

É admirável seguir essa longa cadeia de promessas divinas que, desenvolvendo-se mutuamente, nos conduzem de grau em grau, da generalidade das nações a um povo particular, desse povo a uma de suas tribos, dessa tribo a uma família. Chegado aí, Deus se detém; aí terminam as promessas, mas aí não terminam nossas incertezas.

É verdade que o homem tem a certeza de ter um redentor, e um redentor que sairá da família de Davi. Mas nessa família de Davi, que deve existir sem se confundir com nenhuma outra até a ruína de Jerusalém e da nação, isto é, durante o espaço de mais de mil anos, haverá muitos rebentos. A menos de novas luzes, como reconhecer, entre tantos outros, esse filho de bênçãos que deve salvar o mundo? E eis o gênero humano exposto a repelir seu redentor quando vier estender-lhe a mão para erguê-lo de sua queda, ou a apegar-se ao primeiro impostor da raça de Davi que se disser o Messias: a dificuldade não poderia ser mais séria. Tranquilizemo-nos, Deus a previu. Ele mesmo nos dará o sinal desse filho de Davi, a quem o mundo deverá sua salvação.

Aqui, como nas promessas, Deus se acomoda à fraqueza do homem e só lhe dá a conhecer a verdade sucessivamente e por graus insensíveis: as Figuras esboçam o sinal do Libertador. Durante mais de três mil anos, isto é, desde Adão até Jonas, aparece uma longa série de grandes personagens que, todos, representam o Messias em algumas circunstâncias de seu nascimento, de sua morte, de sua ressurreição e de seu triunfo. Deus dispõe mil acontecimentos; estabelece grande variedade de cerimônias e de sacrifícios, que são como outros tantos traços esparsos, cuja reunião compõe o sinal esboçado do Desejado das nações. Cada dia o sangue das vítimas, a imolação perpétua do cordeiro no templo de Jerusalém, lembra ao povo judeu a vítima futura cujo sacrifício devia substituir todos os outros e a que dava de antemão todo o seu mérito: mistério permanente de que o povo inteiro tinha a inteligência[2].

Assim, em Adão ele é o pai de um mundo novo, dando à luz, durante o seu sono, uma esposa, osso de seus ossos, carne de sua carne; em Abel é o justo por excelência, morto pelas mãos de seu próprio irmão; em Noé é o Salvador do mundo; em Melquisedec, sem predecessor e sem sucessor no sacerdócio, oferecendo o pão e o vinho, é o sacerdote católico do Altíssimo[3]. Em Abraão abençoado é o verdadeiro pai dos crentes e o objeto eterno das complacências de Deus; em Isaac é oferecido em sacrifício pela mão de seu pai; em Jacó trabalha longos anos para obter uma esposa digna dele. É José, traído por seus irmãos, vendido a estrangeiros, condenado por um crime de que é inocente, posto entre dois criminosos, a um dos quais anuncia a vida e ao outro a morte; é o cordeiro pascal, oferecendo-se em sacrifício, preservando seu povo da espada do anjo exterminador e livrando-o da servidão; é o maná, alimentando milagrosamente a nação viajante com um alimento descido do céu; é a vítima imolada no templo, expiando, adorando, pedindo e agradecendo.

Encontramo-lo na serpente de bronze erguida sobre uma cruz, curando, com sua presença, a picada das serpentes abrasadoras; em Moisés, tirando Israel do cativeiro e dando-lhe uma lei que faz dele o povo querido de Deus. Em Josué introduz a nação escolhida numa terra de bênção; em Gedeão triunfa de seus inimigos com um punhado de homens e os mais fracos meios; em Sansão toma uma esposa entre os gentios e luta sozinho contra uma nação inteira; em Davi derruba, apesar da desigualdade das forças, um gigante formidável; maltratado por um príncipe ciumento, perseguido por um filho desnaturado, subindo na dor o monte das Oliveiras, é insultado por um

homem a quem proíbe que se faça qualquer mal. É Salomão, sentado num trono magnífico, cercado de glória, dotado de uma sabedoria maravilhosa e edificando um templo incomparável à glória do verdadeiro Deus; enfim, é Jonas, pregando a penitência aos judeus, que não o escutam, permanecendo três dias e três noites no ventre de uma baleia, saindo depois cheio de vida e pregando a penitência aos gentios, que se convertem à sua voz.

Além da autoridade da Escritura e da tradição, basta, para reconhecer nessa longa galeria de quadros a intenção formal de representar o Messias, refletir na perfeita conformidade de todas essas figuras com o próprio Messias. À vista de cem retratos de um rei, todos muito parecidos, embora feitos por outros tantos pintores que nunca se viram, que viveram em séculos de intervalo uns dos outros, como sustentar que nenhum desses artistas teve a intenção de representar o monarca e que todos esses retratos só por acaso se lhe assemelham?

Notas

[1] Gn 3, 15.

[2] Quorum quidem sacrificiorum significationem explicite majores (os mais esclarecidos) cognoscebant : minores autem (os menos esclarecidos; é o sentido que o próprio São Tomás dá a essa palavra, art. 4), sub velamine illorum sacrificiorum credentes ea divinitus esse disposita, de Christo venturo quodammodo habebant velatam cognitionem. — S. Th., 2, 2, q. II, art. 7.

[3] Sacerdos patris catholicus, como diz Tertuliano.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:11 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:11 by Admin